

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DEPARTAMENTO DE
CIÊNCIAS SOCIAIS CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS
SOCIAIS**

Nuncia Gabriele Guimarães Escobar

**ANÁLISE DE DISCURSO E RELAÇÕES DE PODER: A ROTA
DAS CHARQUEADAS EM PELOTAS/RS E O PESO COLONIAL**

Santa Maria, RS

2019

Nuncia Gabriele Guimarães Escobar

**ANÁLISE DE DISCURSO E RELAÇÕES DE PODER: A ROTA DAS
CHARQUEADAS EM PELOTAS/RS E O PESO COLONIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS) como requisito para obtenção do título de
Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Mariana Selister Gomes

Santa Maria, RS

2019

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e ao meu pai, que são minha fonte de amor incondicional e que entenderam a ausência necessária para o desenvolvimento desta monografia. Foi difícil lidar com a saudade de casa, mas fico feliz de realizar este sonho que sonhamos juntos. Como diz Emicida “em tudo eu via nós!”

Às minhas queridas amigadas pelo afeto sincero e escuta atenta – foram muitas lamentações, né?! – sou grata por me arrastarem para um barzinho, festa, ou qualquer outro rolê na tentativa de me distraírem (e pelo afago e compreensão nos momentos difíceis). Assim como Rincon Sapiência, faço questão de botar no meu texto que “pretas e pretos estão se amando”. Amo esta rede de apoio que construí.

À minha orientadora, pessoa que admiro incansavelmente, a maior incentivadora que eu poderia ter. Obrigada por todos os ensinamentos, provocações e trocas. Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor!

Aos professores, Giane e Fernando, por aceitarem o convite para compor a banca de avaliação deste trabalho. Tenho certeza que serão contribuições valiosas.

Conceição Evaristo nos diz que falar estilhaça a máscara do silêncio, então: agradeço à todas as mulheres negras que serviram de inspiração neste processo e que me encorajaram a falar as coisas que foram caladas por séculos.

Parafraseando Frantz Fanon:

Oh, meu corpo, faça sempre de mim uma mulher que questiona!

RESUMO

Os Patrimônios Culturais são considerados espaços de educação e de preservação das culturas e tradições, logo, possuem função significativa na sociedade, uma vez que, auxiliam na construção das memórias e das identidades. O presente estudo parte da observação do que é exposto e da experiência do que é vivido em duas fazendas históricas pertencentes a Rota das Charqueadas, sendo elas: Charqueada São João e Charqueada Santa Rita. Localizadas na cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, ambas foram cenário do Ciclo do Charque e da Escravidão no Brasil Colonial. Atualmente, são mantidas como atrações turísticas da cidade. O patrimônio aqui analisado, como qualquer outra instituição, é constituído por relações de poder e, conseqüentemente, acaba por reproduzir a versão da história e as memórias de grupos sociais dominantes. Para analisar as formas de discurso expositivo que emergem neste espaço, tendo como questão central a dimensão sobre relações raciais, a fundamentação teórica baseia-se na articulação de conceitos como: representações sociais, memória e poder, bem como, demais contribuições intelectuais que os estudos étnico-raciais e decoloniais proporcionaram à teoria sociológica. Através da Análise de Discurso como ferramenta de compreensão e sendo encarada em um sentido amplo, como propõe Michel Foucault, e da Etnografia como método para maior imersão e percepção do campo, pretendo compreender como se dá a organização do determinado espaço e a caracterização do discurso expositivo, bem como, a composição social do público visitante.

PALAVRAS-CHAVE: Poder; Discurso; Raça; Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

Cultural Patrimonies are considered spaces for education and preservation of cultures and traditions, therefore, they have a significant function in society, since they help in the construction of memories and identities. The present study starts from the observation of what is exposed and the experience of what is lived in two historical farms belonging to the Charqueada Route, namely: Charqueada São João and Charqueada Santa Rita. Located in the city of Pelotas in Rio Grande do Sul, both were scenery of the Charque Cycle and Slavery in Colonial Brazil. Currently, they are maintained as tourist attractions of the city. The patrimony analyzed here, like any other institution, is constituted by power relations and, consequently, ends up reproducing the version of history and the memories of dominant social groups. To analyze the forms of expository discourse that emerge in this space, having as its central issue the dimension on race relations, the theoretical foundation is based on the articulation of concepts such as: social representations, memory and power, as well as other intellectual contributions that ethno-racial studies and decolonials studies provided for sociological theory. Through Discourse Analysis as a tool of understanding and being viewed in a broad sense, as Michel Foucault proposes, and Ethnography as a method for greater immersion and perception of the field, I intend to understand how the organization of the given space and the characterization of discourse occurs. as well as the social composition of the visiting public.

KEYWORDS: Power; Discourse; Race; Cultural Patrimony.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O PASSADO DO PRESENTE.....	5
CAPÍTULO I.....	8
1.1 SOBRE MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	8
1.2 O PODER, EM SUA DIMENSÃO SIMBÓLICA	11
1.3 PATRIMÔNIO CULTURAL	15
1.4 RAÇA E GÊNERO COMO CATEGORIAS DE ANÁLISE	16
CAPÍTULO II.....	19
2.1 AS CHARQUEADAS – BREVE HISTORIOGRAFIA.....	19
2.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS	21
2.2.1 GUIA DE OBSERVAÇÃO	22
2.3 A COLONIALIDADE NO PATRIMÔNIO CULTURAL: ANÁLISE DAS CHARQUEADAS	24
2.3.1 Charqueada Santa Rita: Relatos Etnográficos	24
2.3.2 Charqueada São João: Relatos Etnográficos.....	34
2.3.4 Análise de Discurso	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO: O PASSADO DO PRESENTE

Os Patrimônios Culturais estão presentes na sociedade há muitos anos e ao longo do tempo sofreram diversas transformações, inclusive, houve alteração até mesmo no termo utilizado. A política de Patrimônio Cultural no Brasil se inicia na década de 1930, com o Governo Vargas, com um caráter elitista. Neste contexto, o mesmo era denominado Patrimônio Histórico e Artístico e estava voltado a bens materiais relacionados à cultura europeia (GOMES, 2017). Foi de acordo com a Constituição Federal de 1988, acompanhando a demanda por ampliação de direitos e inclusão das minorias, que o conceito foi ampliado. Em seu artigo número 216, define-se: “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Os Patrimônios Culturais são relevantes no que tange a conexão entre passado, presente e futuro, justamente colaborarem para a construção das memórias e identidades. Logo, possuem capacidade de (re)construir os discursos sociais. As memórias que são representadas pelos Patrimônios são objetos de disputas e estão relacionadas ao presente.

O presente estudo se insere nestas discussões e parte da observação do que é exposto no Patrimônio Cultural conhecido como “Rota das Charqueadas” na cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul. Analiso assim, as formas de discurso expositivo que emergem neste espaço, sendo elas: imagens, vídeos, textos, falas, objetos e arquitetura. Tenho como questão central as dimensões sobre relações raciais. Pretendo atentar para quais histórias e memórias são disseminadas ao grande público através da Análise de Discurso, buscando compreender como se dá a organização do determinado espaço acerca dos imaginários racistas que pressupostos tradicionais e coloniais definiram como verdades incontestáveis.

A fundamentação teórica baseia-se na articulação de conceitos como: representações sociais, memória coletiva e poder simbólico, bem como, demais contribuições intelectuais que os estudos étnico-raciais e decoloniais proporcionaram à teoria sociológica.

A Rota das Charqueadas foi o ambiente escolhido para esta investigação devido sua importância histórica. Situada às margens do Arroio Pelotas, o local abriga diversos casarões históricos. Alguns deles são mantidos e apresentados como atrações turísticas da cidade e podem ser visitados. Este é o caso de ambas instituições que analisarei nesta pesquisa.

Esses patrimônios pertencentes a Rota das Charqueadas, hoje abordam “o encanto e a riqueza” do Sul do Brasil, do ciclo do charque e das tradições do Brasil Colonial. A Rota das Charqueadas oferece aos seus visitantes: exposições permanentes, temporárias e itinerantes que tem como objetivo preservar e manter viva a história gaúcha.

Esta pesquisa, justifica-se cientificamente devido a sua inovação no que diz respeito à interdisciplinaridade, já que compreende distintas áreas das Ciências Sociais e Humanas como a Sociologia, a História e a Psicologia Social. Também há de se evidenciar o percurso metodológico interdisciplinar percorrido, visto que, estabeleço um diálogo entre duas metodologias consolidadas nas Ciências Sociais para elaboração deste estudo: Análise de Discurso e Etnografia.

Os números de pesquisas que se comprometem a discutir raça a partir das ordens discursivas de patrimônios são escassos. E especificamente sobre os estudos feitos sobre as Charqueadas, estes, analisam o seu passado, demonstrando a indispensabilidade de estudos aprofundados sobre o tema proposto. Neste âmbito, cabe mencionar o projeto de pesquisa que vem sendo coordenado desde 2014 pela orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: “As Narrativas Patrimoniais e Turísticas em Cidades Históricas: (des)(re)construções do luso-tropicalismo no Brasil e em Portugal”, financiado pelo CNPq e pela CAPES, o qual faço parte. A relevância intelectual de pesquisas como essas, são fundamentadas sociologicamente, uma vez que, as construções do presente sobre o passado incidem totalmente ao meio social.

Os dados produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018 atentam para a desigualdade racial e possibilitam a visualização de uma herança histórica, legado de um longo período de colonização europeia. Os impactos sociais da escravidão no Brasil são visíveis e afetam intensivamente a população negra, que é quem mais sofre com o desemprego, possui os menores salários, ocupa os cargos mais desvalorizados socialmente e é minoria no ensino superior. Os indicadores socioeconômicos de pretos e pardos são habitualmente os mais desvantajosos em todos os aspectos.

O racismo se manifesta na sociedade de diversos modos e em variados espaços. Logo, além da justificativa científica, destaca-se a justificativa social deste trabalho. Então, é digno de nota, que esta pesquisa possui compromisso indispensável com uma educação antirracista, amparado pela Lei 10639/03, contribuindo para a elevação deste debate crítico e fundamental, no que tange, especificamente, os espaços de cultura.

Há relevância de se evidenciar que as exposições de um espaço cultural são formadas por recortes e determinadas visões de mundo, caracterizando partes de um todo. Diante disto, surgem os seguintes questionamentos: como se dão as práticas discursivas neste espaço de memória nas Charqueadas? Estão desconstruindo imaginários racistas levando em conta uma perspectiva decolonial? Ou estão fortalecendo imaginários sociais tradicionais e discriminatórios?

Esta pesquisa objetiva analisar os discursos que estão sendo transmitidos, buscando compreender o que significam, a que se propõem e qual papel estão desenvolvendo no espaço em que se encontram, volto-me também para a análise da composição social e reações do público visitante, bem como observação das narrativas feitas pelos guias e monitores. Assim, espera-se promover a visibilidade dessas instituições pesquisadas e auxiliar em seu aprimoramento, além de agregar contribuições à área de estudos sobre descolonização do conhecimento.

Este trabalho está estruturado em duas partes: uma teórica e outra empírica. O capítulo I apresentará a discussão sobre Memória Coletiva e Representações Sociais, logo após, será apresentada a discussão acerca do Poder tendo como base os autores Pierre Bordieu e Michel Foucault. Em seguida, debate-se a temática do Patrimônio Cultural e a sua relação com os conceitos abordados anteriormente. Por fim, destaca-se alguns autores e algumas autoras da discussão racial e de gênero, sendo que suas intersecções permeiam todo o trabalho. O capítulo II corresponde aos dados empíricos produzidos, começando pelos aspectos metodológicos, seguido do guia de observação e da análise dos dados. Por último, têm-se as Considerações Finais, com a apresentação geral das reflexões que construíram este trabalho.

CAPÍTULO I

MEMÓRIA, PODER E PATRIMÔNIO CULTURAL: DEBATES TEÓRICOS

Este capítulo apresenta o aprofundamento teórico sobre Memória, Representações e Patrimônio Cultural, sendo imbuído pela discussão acerca das relações de poder. Aqui também está inserida a discussão teórica sobre Raça e Gênero como categorias de análise.

1.1 SOBRE MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Os estudos sobre Memória Coletiva são interdisciplinares, sendo que a Sociologia tem um papel de destaque. O Sociólogo francês Émile Durkheim, fundamental para a construção da Sociologia como ciência empírica, considerado um dos fundadores da sociologia moderna, sendo apontado como um clássico devido suas contribuições que tiveram impacto duradouro no campo científico, traz contribuições para estes estudos. Este é o caso do conceito Representações Coletivas, que se configura como grupo de características e saberes comuns que faz com que os indivíduos pertencentes à sociedade ajam e pensem de formas semelhantes. As representações coletivas traduzem a maneira como o grupo pensa nas suas relações com os objetos que o afetam (DURKHEIM, 1978).

O autor em suas clássicas obras faz menções à questão das representações, frequentemente relacionadas à noção de uma consciência coletiva, sendo elas: “Sobre a Divisão do Trabalho Social” (1893), “As Regras do Método Sociológico” (1895) e “O Suicídio” (1897).

A discussão inicial de Durkheim foi crucial para o debate sobre a Teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Serge Moscovici, no campo da Psicologia Social, adentrando-se fundamentalmente na relação entre sujeito e objeto no processo de construção do conhecimento que é, ao mesmo tempo, individual e coletivo. (MOSCOVICI, 1978).

A Psicologia Social Crítica, campo utilizado neste estudo, perpassa os mistérios da consciência para entender, sobretudo, como as ideias que temos de nós, da sociedade e do mundo chegam a nós. A mesma defende que o “social” marca de diferentes maneiras esta consciência. E a consciência é, portanto, questão central da Psicologia Social, pois é ela que faz a junção do humano e sua realidade exterior (GUARESCHI, 2005). A crítica se dá, no pressuposto de que, todos os fenômenos sociais detêm (ao menos) dois lados, ou seja, nada é absoluto. A realidade nunca irá se resumir a um ponto de vista, pois em tudo há contradição.

Em outras palavras, a Psicologia Social Crítica promove um entendimento complexo e mais amplo dos fenômenos, já que também aborda a versão negligenciada, o lado silenciado e

oculto que também faz parte da realidade e totalidade dos fenômenos. Da perspectiva da Psicologia Social somos resultados de forças simbólicas poderosas.

As cosmovisões são aspectos importantes para esta discussão, uma vez que, significam visões de mundo ou entendimento geral sobre as coisas. As cosmovisões são sociais e individuais simultaneamente. Elas se apresentam com força e reivindicam de tempos em tempos hegemonia sobre as pessoas e os povos.

As Representações Sociais configuram um campo de estudos da Psicologia Social em ascensão e ocupam posição central nas discussões das Ciências Sociais e Humanas. Compreende, então, um debate importante da vida cotidiana, já que, as representações guiam o modo de ver e definem diferentes aspectos de realidade. As representações sociais são fenômenos complexos sempre ativos e em ação na vida social e podem ser observadas diretamente nos discursos.

O conceito remete a sistemas de interpretação que regem nossa relação com os outros e com o mundo, intervindo em processos distintos, tais como a difusão e assimilação de conhecimentos, desenvolvimento individual e coletivo, definição das identidades pessoais e sociais, expressão dos grupos e transformações sociais. Sendo assim, representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto (JODELET, 2009).

Desde os anos 80 a Teoria das Representações Sociais oferece à pesquisa educacional novas possibilidades para lidar com a diversidade e complexidade da educação e do contexto educativo na sociedade moderna (MACHADO, 2013). O interesse essencial da noção de representação social para a compreensão dos fatos ligados a educação, consiste no fato de que orienta a atenção para o papel de conjuntos organizados de significações sociais no processo educativo, oferecendo novos caminhos para explicações de mecanismos pelos quais fatores propriamente sociais agem e influenciam nos resultados (GILLY, 2001)

Tudo em uma sociedade é educativo. E como argumenta Paulo Freire (1987) é da dominação do saber que provêm todas as outras dominações. Logo, é a partir da consciência e através da educação, que compreendemos o problema, atentamos para a verdadeira e complexa estruturação dos fenômenos sociais e assim há possibilidade de libertar as amarras de condicionamentos e mitos.

A teoria das Representações Sociais destaca-se por questionar ao invés de adaptar-se. Busca o ocultado diante do peso hegemônico tradicional da ciência. Com foco na relação entre sujeito e objeto define que o sujeito através de sua atividade e relação com o objeto-mundo, constrói tanto o mundo como a si próprio (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1995). Tal

elemento pode ser percebido, nesta pesquisa, na observação do contato entre público visitante e patrimônio analisado.

O estudo das Representações Sociais estabelece caminhos para a compreensão de como Patrimônios Culturais são concebidos e quais os fatores determinantes para a forma como se dá a sua inserção no meio social. Busco explicitar aqui a relação entre a teoria das Representações Sociais e o campo das narrativas patrimoniais, tendo em vista que esses espaços constroem e reconstroem representações.

Outro debate importante para a compreensão das narrativas patrimoniais diz respeito as memórias. O conceito Memória Coletiva traz contribuições importantes para esta discussão, como veremos a seguir.

O sociólogo durkheimiano francês Maurice Halbwachs propôs o termo “memória coletiva” em meados de 1920 e em sua concepção unia os rituais e os símbolos. Os estudos articulados por Halbwachs reformulam a noção sobre “memória” considerando que as memórias dos indivíduos nunca são apenas suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade (2006). As memórias são construções de grupos sociais, que incidem sobre o indivíduo, mas são os grupos que determinam o que é memorável e os espaços que essas memórias serão preservadas.

Aproximando os dois conceitos, poderíamos refletir que assim como as representações são individuais e sociais, a memória também o é. A memória coletiva pode ser entendida como um tipo de representação (uma representação social sobre o passado).

A influência da abordagem de Halbwachs é, portanto, claramente durkheimiana, como já mencionada inicialmente nesta seção. E nesta pesquisa, discute-se alguns aspectos referentes à memória em seu caráter social, ou seja, ultrapassando o plano individual. A memória remete à um grupo e está enraizada em diferentes contextos, constantemente interagindo na sociedade e sendo reformulada por instituições.

Jedlowski (2001) reforça a percepção de que a discussão sobre memória está intrinsecamente relacionada ao debate sobre representações, ao definir a memória coletiva como conjunto de representações sociais sobre o passado, as quais cada grupo produz, institucionaliza, guarda e transmite através da interação de seus membros. Desta forma, a memória deve ser entendida como fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a flutuações e mudanças constantes.

Neste sentido, podemos afirmar que a memória é seletiva. Nem tudo é gravado e registrado (POLLAK, 1992). Os discursos evidenciam esta intervenção nos processos da

memória coletiva. A memória apresentada por instituições é concebida de forma gerenciada e controlada, criando mecanismos para hierarquização e adequação destas memórias.

A memória coletiva detém assim importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, mas sobretudo, no campo simbólico. Quanto mais os sujeitos estiverem inseridos e pertencendo plenamente aos mecanismos de conservação das memórias, mais condições terão de recuperarem e contribuir para a perpetuação das suas. Tal relação de complementaridade possibilita que as lembranças dos grupos sociais permaneçam vivas.

Um conceito importante para o encaminhamento desta discussão sobre relações de poder em espaços culturais é o de memoricídio (BAEZ, 2010), que configura a eliminação total do patrimônio, quer seja tangível, quer seja intangível. Um povo sem memória, como pontua Fernando Baez, é amnésico: “não sabe o que é nem o que faz e é presa eventual de quem o rodeia. Pode ser manipulado” (p. 288).

É interessante estabelecer a memória como um objeto de luta ambicionado entre os grupos sociais. A decisão sobre o que deve ser lembrado e sobre o que deve ser esquecido, integra mecanismos de controle de um grupo sobre o outro, estabelecendo nesse embate: relações de poder. Assim se dá, por exemplo, as escolhas das exposições de uma instituição cultural e turística, o que será lembrado, quais momentos receberam atenção, que saberes serão necessários e quais as histórias serão consideradas importantes.

O processo de construção e manutenção das memórias coletivas deriva, portanto, das relações de poder – como será aprofundado a seguir.

1.2 O PODER, EM SUA DIMENSÃO SIMBÓLICA

O Poder é um tema transversal nas Ciências Sociais, havendo diferentes abordagens. A partir da década de 1960, pensadores contemporâneos acrescentaram a temática do poder às discussões sobre as dimensões simbólicas da sociedade, sendo eles, utilizados neste estudo: Pierre Bordieu e Michel Foucault. Ambos de escolas francesas, desenvolveram contribuições intelectuais acerca das relações de poder que auxiliam o arcabouço teórico deste trabalho. Reconhecendo a existência de diferenças metodológicas e teóricas entre estes dois autores, tento aproximar as distintas concepções de poder nas suas produções sob a visão de um poder estrutural e, ao mesmo tempo, exercido através da cultura, das subjetividades, dos discursos, dos simbolismos.

O conceito de Poder Simbólico, cunhado por Pierre Bourdieu, se refere ao poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BORDIEU, 2004). Sendo assim, a Violência Simbólica se manifesta de maneira imperceptível. Esta, é exercida integralmente pelas vias simbólicas. Ainda assim, (re)produz e reforça as estruturas sociais. O Poder Simbólico detém os meios de afirmação do mundo, propondo valores, hierarquias e demais aspectos que se apresentam como naturais, espontâneos e desinteressados aos indivíduos.

Bourdieu identifica as relações de comunicação como sempre compostas por relações de poder, argumentando que as mesmas dependem do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes ou pelas instituições. O poder de fazer “crer” não se manifesta apenas nas palavras, mas principalmente, na legitimidade que é conferida aos que falam e na conformidade dos que escutam. Os discursos não servem simplesmente para serem compreendidos ou absorvidos, já que ultrapassam a finalidade do que comunicam, pois, uma vez que, são também signos de autoridade e hierarquia estão destinados a serem apreciados, obedecidos e acreditados como instrumentos de imposição ou legitimação de dominação.

Diversas instituições envolvem criação e reprodução de sistemas simbólicos de poder que acarretam violência simbólica. Entre elas, podemos incluir os Patrimônios Culturais. Esses mecanismos fazem com que os indivíduos tomem como sendo natural o prevalecimento das representações sociais dos setores dominantes da sociedade em detrimento daquelas oriundas das camadas populares e marginalizadas.

Bourdieu, aborda a questão de poder a partir da noção de Campo. Para o autor, este configura-se como espaço de práticas específicas composto por embates concorrenciais de interesses, estruturado pelas relações objetivas entre as posições ocupadas pelos agentes e pelas instituições - que são quem determinam a forma de suas interações. Basicamente são distribuídos entre dominantes e dominados. Logo, são campos de forças e estas forças são simbólicas. De acordo com o autor:

É no horizonte dessas relações de forças específicas, e de lutas que tem por objetivo conservá-las ou transformá-las, que se engendram as estratégias dos produtores, a forma de arte que defendem, as alianças que estabelecem, as escolas que fundam e isso por meio dos interesses específicos que aí são determinados (BOURDIEU, 1996, p. 61).

O autor argumenta que este poder simbólico coloca campos dominantes como beneficiários de um capital simbólico, que é difundido por meio de práticas, mas no caso desta pesquisa, principalmente por meio das práticas discursivas de instituições. Para o teórico, esses

símbolos são instrumentos da integração social e tornam possível a obtenção de um consenso acerca do sentido do mundo, o qual contribui, fundamentalmente, para a reprodução da ordem social dominante.

Bourdieu, de modo distinto em relação a Foucault, relaciona o poder simbólico ao poder econômico e político. Já Foucault, como será tratado a seguir, busca compreender o poder através da perspectiva de seus efeitos, ou seja, não necessariamente há uma sustentação (ou causa em outras esferas), seja ela social, econômica ou política, mas sempre há um efeito (uma consequência do exercício do poder). Uma discussão mais desenvolvida da noção de poder em Foucault possibilitará a ampliação destas questões acerca das concepções dos dois teóricos.

Foucault, trata sobre poder não encarando o mesmo como localizado em uma instituição e nem como algo que se dá por vias jurídicas ou políticas. Para o autor, o poder não existe enquanto “coisa”. Ele é um funcionamento que se exerce muito mais do que se possui. Segundo o autor:

Trata-se (...) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam (...) em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício. (Foucault, 1979, p. 182)

O autor defende que cada sociedade possui seus tipos de discursos e explica que esses discursos são compostos por relações de poder que aprisionam os sujeitos. Os mesmos discursos se dão por meio da linguagem, comportamento e valores. Portanto, Foucault vê na linguagem um aspecto muito bem constituído da sociedade, assim sendo, declara que os discursos já circulam e estabelecem relações de poder há muito tempo entre nós. Analisando os próprios discursos, é possível observar o rompimento dos laços aparentemente tão fortes que há entre as palavras e as coisas, destacando um conjunto de regras próprias da prática discursiva (FOUCAULT, 1985).

Para Foucault na medida em que for acontecendo transformações nas relações sócio-políticas e econômicas também vão sendo produzidas novas formas de relações de poder. Há sempre a adequação das necessidades do poder dominante. Este processo passa por essa fase com alto índice de eficiência e complexidade que parece que o poder é algo vivo. Como se prescindisse aos indivíduos. O poder é um conjunto de relações e ao invés de derivar de uma superioridade, produz assimetria.

O conceito Discurso, consolidado por Michel Foucault, diz respeito à um conjunto de regras anônimas, configurando enunciados históricos sempre determinados no tempo espaço,

que definiram em determinados períodos, as condições de exercício da função enunciativa para uma área social, econômica, geográfica ou linguística (FOUCAULT, 1997). Os discursos justificam os saberes, logo, as práticas incorporadas e reproduzidas correspondem a um imaginário social que se constituiu como ordem discursiva hegemônica (FOUCAULT, 2008). Os enunciados são diversos e descritos por Foucault como átomos do discurso, não possuindo uma única forma, remetem posições intrínsecas muito variáveis. Segundo Gilles Deleuze (1998) não há espaço homogêneo indiferente aos enunciados, como também, não existe enunciado sem localização. Visto que:

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência. (FOUCAULT, 1997)

Sobre a relação saber-poder em Foucault, Deleuze (1998) argumenta que o saber está associado ao visível e ao dizível. O poder surge como causa disso. Ou seja, não existe relações de poder dissociadas do campo do saber. Como também não há relações de saber isentas de relações de poder. Baseando-se no pensamento deste autor, que é importante neste estudo para a compreensão do poder em Foucault, constata-se que as relações do saber-poder nas sociedades contemporâneas explicam a realidade social. Partindo do pressuposto de que este saber foi construído estrategicamente como um discurso dominante, terá a finalidade conforme os desejos de quem detém este poder. Isto implica escavar os vestígios a fim de se investigar exclusões. Fazer assim, emergir outras verdades, outros discursos e outros sujeitos.

Tanto no pensamento de Bourdieu como no pensamento de Foucault observa-se o poder como estrutura, articulada com dimensões culturais, discursivas e simbólicas, o que possibilita a aproximação destas concepções. O paradigma clássico e hegemônico estabelecido por pensadores anteriores, era o que prevalecia sobre o poder, enfocando aspectos econômicos e políticos. A discussão sobre poder é, portanto, revigorada com as contribuições de Pierre Bourdieu e Michel Foucault, causando um rompimento com essa tradição do pensamento.

Por meio da ótica sociológica, pode-se entender que as relações de poder fluem perante as instituições: “controlar o passado é a melhor forma de planejar o futuro” (RAMPINELLI, 2014). E neste sentido, refletir sobre os discursos de uma instituição como é o caso do Patrimônio Cultural “Rota das Charqueadas” no Rio Grande do Sul, depende de refletir sobre as questões de poder que estão relacionadas à lembrança e ao esquecimento do que está visível e do que está invisibilizado.

1.3 PATRIMÔNIO CULTURAL

A discussão anterior sobre Memória, Representações e Poder, contribui para a contextualização do debate acerca de Patrimônios Culturais como agentes de informação e educação no meio social, já que, ambos conceitos permeiam o funcionamento de tais instituições. Neste subcapítulo, apresento mais a fundo os mecanismos que incidem as narrativas patrimoniais.

Assim como a ciência, não existem instituições neutras. Logo, Patrimônios devem ser considerados campos de práticas discursivas e de representações, sendo possível então, problematizar e questionar a experiência cultural oferecida pelos mesmos, investigando os modos como o simbólico opera e integra a memória social até se constituir como imaginário totalizante (DENCKER, 2012). Este processo envolve variados aspectos, começando pelas representações atribuídas aos objetos pelos próprios técnicos desses espaços culturais, pelos participantes das comunidades onde se encontram inseridos, pelos patrocinadores das exposições e ainda pelo público que visita essas instituições.

Segundo Garbinatto (2000) patrimônio é uma construção social coletiva, composta por redes de significados e por relações de poder intrínsecas. Sendo assim, o direito e o dever de preservá-los pertence a todas e todos da sociedade, como forma de resgate da identidade – do ponto de vista de uma comunidade – e individual – consigo mesmo, visão de si. (apud ESCOBAR, 2010).

A sociedade brasileira é constituída por múltiplos grupos que a caracterizam em diversos âmbitos culturais. Entretanto, o país é marcado por um longo processo de desigualdade e discriminação, o que impede seu pleno desenvolvimento econômico, político e principalmente, cultural e social.

Educadores, ativistas e pesquisadores pautam ações no sentido de implementar políticas públicas em busca do respeito à diversidade. A luta antirracista se dá em diversos cenários e é necessário perceber que "atitudes e comportamentos, em especial nos meios de comunicação, espaços culturais, museus e escolas, são potentes ferramentas para a propagação das ideias" (IBRAM, 2018). Nesta perspectiva, há aportes legais que dão base para essas políticas no que tange à população negra no Brasil: a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as unidades de educação (BRASIL, 2003). E a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, em julho de 2010, que tem como objetivo “garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos

individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica” (BRASIL, 2010).

Lélia Gonzalez (1984) argumenta que o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Por isso, a emergência de se pensar a descolonização do conhecimento de maneira ampla, em todas as dimensões possíveis e através de práticas instrutivas que promovam uma educação antirracista.

Alguns trabalhos foram cruciais para o desenvolvimento desta pesquisa, um desses intitulado: “Diferentes abordagens sobre o Genocídio Africano: uma Análise Comparativa de espaços de Memória em Laranjeiras/SE e Salvador/BA” das autoras Eline Ramos Costa e Mariana Selister Gomes, analisa os diferentes discursos de museus frente a problemática racial. O acesso se deu através dos Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS de 2016.

“Caminhos atlânticos: memória, patrimônio e representações da escravidão na Rota dos Escravos” foi outro estudo que serviu de inspiração, autoria de Ana Lúcia Araújo, examina diferentes representações da escravidão e do tráfico atlântico presentes na Rota dos Escravos na cidade de Ajudá/República do Benim, buscando entender como essas representações exprimem e reconstróem distintas memórias do passado escravista atlântico. O acesso se deu via endereço eletrônico da Revista Científica Varia História, vinculada à Universidade Federal de Minas Gerais.

1.4 RAÇA E GÊNERO COMO CATEGORIAS DE ANÁLISE

Até o momento, este TCC debateu Memória Coletiva, Representações Sociais e Patrimônio, bem como as relações de Poder que são envoltos. Agora, pretendo expor como todas estas questões levantadas também são atravessadas pela raça e pelo gênero.

Como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma dimensão temporal e espacial (MUNANGA, 2003). O conceito Raça, utilizado neste trabalho, advém da compreensão teórica de Frantz Fanon, cujas obras são fortemente articuladas na consolidação dos estudos pós-coloniais e das relações raciais, visto que, é um dos precursores do pensamento decolonial epistêmico.

O racismo é compreendido por este autor, como elemento cultural e consequência direta da colonização e destruição dos valores da população negra, o mesmo argumenta que, se a cultura é o conjunto dos comportamentos motrizes e mentais, nascido do encontro da sociedade e natureza, o racismo é, sem sombra de dúvida, um elemento cultural (FANON, 1980). O tema

violência abarcado em suas obras, atenta para a reflexão acerca da análise sobre o colonialismo e sobre a essencialidade de um processo decolonizador.

Fanon (2009), identifica uma intensa relação entre violência e raça, uma vez que, a partir de tal ideia (crença em uma superioridade que nunca existiu), o mundo colonial passou a ser dividido entre os que pertencem a tal raça ou não.

Considera, portanto, que para compreender o racismo, é necessário dimensionar como o mesmo é concebido e estruturado nas entranhas da sociedade enquanto prática ideológica. Para o autor, dado o caráter cruel de autoridade do opressor, este impõe aos oprimidos novas maneiras de ver a si mesmo e o mundo à sua volta, criando um juízo pejorativo acerca de suas formas originais de existir e levando a negação e rejeição de seus traços culturais - sua negritão (FANON, 1980). Compreender dessa forma o racismo, é importante, dado que seus mecanismos são tão poderosos a ponto de atingir todos os grupos sociais. Logo, raça é encarada como um construto social.

O racismo, então, é designado como uma problemática branca, visto que se dá via representação sociais vindas da branquitude. As “máscaras brancas” simbolizam a potencialidade do colonialismo. Toni Morrison (1992) usa a expressão “dessemelhança” para descrever a branquitude como uma identidade relacional e dependente construída por brancos e definida por eles mesmos como diferentes (apud KILOMBA, 2010). A branquitude se constrói através dessa relação de exploração do “outro”, ou seja, o “outro” é a representação mental daquilo que o sujeito branco não quer se parecer e não reconhece.

Gênero é analisado neste estudo dada as concepções produzidas por teóricas feministas, sobretudo, aquelas que agregam uma abordagem antirracista articuladas em suas perspectivas. A teórica Joan Scott definiu Gênero como categoria de análise. Tornando a presente definição útil para a compreensão das construções sociais referente as questões de gênero. Scott argumenta que gênero é o elemento constitutivo das relações sociais e, conseqüentemente, das relações de poder, estando elas inseridas no âmbito: cultural, institucional, normativo e subjetivo (SCOTT, 1986).

Segundo Sueli Carneiro (2003) são suficientemente conhecidas e pouco memorizadas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. Destaca-se então, a importância dos estudos inerentes ao Feminismo Negro, que se estabelecem como contestadoras vertentes nos estudos feministas e de gênero. Há nítidas evidências de que fatores de raça e de classe produzem diferenças em qualidade de vida, status social e estilo de vida que prevalecem sobre a experiência comum que as mulheres partilham. (HOOKS, 1984).

Angela Davis na obra “Mulheres, Raça e Classe” (2016) já revela a invisibilidade quanto à condição das mulheres negras, assim, racismo, machismo e dominação de classe, operam juntos e potencializam ou restringem as experiências. A noção de interseccionalidade permite compreender os sistemas de dominação como múltiplos. Logo, estes sistemas discriminatórios “criam desigualdades básicas que estruturam as possibilidades relativas” das pessoas e constituem as instituições. (CRENSHAW, 2002).

Por isso, gênero não pode ser encarado de forma universal, de modo que, a posição da mulher negra, segundo Sueli Carneiro (2011) apareça como um “subitem da questão geral da mulher”, logo, para a agenda feminista atender demandas de mulheres não brancas, é preciso estar articulada à luta antirracista e contra a visão essencialista e hegemônica da mulher.

Segundo Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2016), interseccionalidade é uma maneira de compreender e analisar a complexidade do mundo e das experiências humanas. As autoras reconhecem o alcance desse conceito, não somente no meio acadêmico, mas também no ativismo de mulheres negras em outros contextos. Os eventos e as condições de vida social são formados por muitos fatores que mutuamente se influenciam, logo, a interseccionalidade possibilita o diálogo com vários aspectos, sobretudo, os culturais.

Por fim, cabe destacar a influência de raça e gênero nos sistemas de opressão, sendo estes imprescindíveis para uma análise interseccional. Os caminhos interpretativos da realidade, partindo desta perspectiva crítica podem desequilibrar as armadilhas do poder colonial.

CAPÍTULO II

A COLONIALIDADE NO PATRIMÔNIO CULTURAL: ANÁLISE EMPÍRICA

A Colonialidade do Saber nos revela, ainda, que, para além do legado de desigualdade e injustiças sociais profundos do colonialismo e do imperialismo [...] há um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias. (PORTO-GONÇALVES, C.; LANDER, E. 2005, p. 3)

2.1 AS CHARQUEADAS – BREVE HISTORIOGRAFIA

O surgimento das Charqueadas no Rio Grande do Sul diz respeito à principal atividade econômica do século XIX que demandou trabalho escravizado. A cidade de Pelotas sediou neste período a formação de elites riquíssimas que obtiveram suas fortunas através da exploração.

A produção do charque se deu, inicialmente, a nível artesanal, fabricado em pequena escala. A salga de carne foi a forma encontrada para conservar a carne após o abate do gado. Desta maneira, poderia ser usada tanto para o consumo próprio como para a exportação, que teve seu clímax após a criação do pólo charqueador pelotense; tornando-se o charque a ponta de lança das exportações rio-grandenses. A carne salgada foi exportada para regiões brasileiras como o Nordeste e Sudeste, bem como para outros países, tais como Cuba e Estados Unidos (ASSUMPÇÃO, 20113, p. 62)

A obra de Fernando Henrique Cardoso (1977) é um marco sobre a discussão da escravidão no Sul do Brasil, pois a mesma revela detalhes da perversidade dessa relação de poder e ainda desmitifica mitos criados, como é o caso do Mito da Democracia Racial, abordando como o tratamento dado era desumano e como escravizados tiveram papel imprescindível na economia gaúcha. Fernando Henrique, enquanto sociólogo, estava inserido na Escola Paulista, a qual, através de nomes como Florestan Fernandes, questionou a interpretação hegemônica até então de que o Brasil não era racista. Cardoso contribui nesse debate, aprofundando a análise sobre a escravidão no sul do país.

Nicolau Dreys, comerciante que residiu em Pelotas em torno de 1830, citado por Mario Magalhães (2000), faz uma comparação entre a organização de uma Charqueada com a de uma prisão devido ao caráter ríspido de tratamento e a questão da severa vigilância, já que, o medo de revoltas era permanente dada a grande concentração de pessoas escravizadas e de quilombos na região. Segundo autoras que realizaram um aprofundado estudo sobre as condições de saúde da população escravizada nas Charqueadas:

No início de seu desenvolvimento e ainda fazendo parte de Rio Grande, quase metade da população de Pelotas era escrava (1.126 escravos para 2.419 livres, dos quais, apenas 712 eram brancos, 105 indígenas e 232 livres). A expressão ‘livre’ só tem sentido se aplicada a negros ou índios, uma vez que os brancos eram livres por definição. (LONER; GILL, SCHEER, 2012)

Outro apontamento levantado por Dreys (em Magalhães, 2000) era de que havia um pavor entre escravizados pertencentes às outras regiões do Brasil sob a ameaça de serem enviados para o Sul, no caso, para as Charqueadas, visto que o clima, o tratamento e trabalho a ser realizado eram os mais temerosos. As duras condições de trabalho e os espaços insalubres para subsistência causavam inúmeras doenças, assim como, os açoitamentos e demais punições, leia-se tortura, levavam a amputação de partes do corpo ou a morte. É fidedigno, de acordo com pesquisas analisadas referentes ao período, descrever as Charqueadas como penitenciárias escravocratas.

Pelotas ganhou o epíteto “Princesa do Sul” em razão da intensa relação e admiração com os modelos europeus de civilização. Até hoje, a visão que se tem de a cidade possuir uma “cultura sofisticada” e o saudosismo aos tempos de Brasil Colônia têm origem nesse processo de hierarquização de culturas.

As duas fazendas escolhidas para esta observação foram: Charqueada Santa Rita, datada em 1826, e Charqueada São João, datada em 1810. A Charqueada Santa Rita, atualmente, é uma pousada. Esta, oferece aos seus hóspedes, conforme seu próprio site¹ de divulgação, uma experiência tal qual era a vida em pleno século XIX, pois, garante a originalidade, charme e conforto daquela época. Conta também com um Museu e um Restaurante.

A Charqueada São João, segundo espaço analisado, é uma “casa turística” de visitação guiada, reconhecida como Patrimônio Nacional pelo IPHAN. As atrações oferecidas aos visitantes são: visita monitorada pelo amplo local, passeio de barco e gastronomia. Ambos espaços são locados para eventos e ensaios fotográficos.

Em pesquisa realizada via sítio eletrônico², antes da observação, constatou-se um certo silenciamento quanto a questão da Escravidão. Principalmente, no que tange a primeira fazenda, nesta, não há menção alguma. Apenas o “belo” do passado, como a construção histórica e as fases prósperas que ali ocorreram, são exaltados.

Em contrapartida, a outra fazenda menciona em um parágrafo a utilização da mão de obra escrava “tal como em todo Brasil Colonial” e relata que, atualmente, há uma parceria com uma universidade local para exploração, em torno da senzala, em busca de fragmentos do determinado período.

1 Link disponível em: <https://www.charqueadasantarita.com.br/> Acesso em: 20/05/2019.

2 Link Disponível em: <https://www.charqueadasaojoao.com.br/> Acesso em: 20/05/2019.

2.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A abordagem quanto ao procedimento científico se caracteriza como hipotético dedutiva, desta forma, parto da teoria como hipótese para testá-la através dos dados empíricos produzidos. Este estudo configura-se como pesquisa do tipo qualitativa e quanto ao conhecimento produzido se encaixa nos tipos: explicativo (devido a discussão acerca das relações de poder) e compreensiva (devido discussão acerca dos sentidos/narrativas).

A pesquisa é operacionalizada de acordo com a abordagem teórico-metodológica Análise de Discurso, sendo encarado em um sentido amplo, como propõe Michel Foucault. Os discursos dizem respeito a “campos de significado e poder que categorizam e regulam práticas sociais” (LEE, PETERSEN, 2015). Os trabalhos de Foucault são essenciais para a compreensão acerca das relações de poder que permeiam ordens discursivas. O referido autor denominou discurso como: “práticas que formam sistematicamente os objetos os quais se referem” e essas práticas, segundo o autor, orientam e são poderosas frente a sociedade.

Em todos os tipos de análise de discurso é fundamental o olhar atento sobre as relações de poder e domínio, para assim, compreender como se constroem e exercem sentidos em determinados contextos sociais. Esta pesquisa analisa de que modo o poder age dentro das narrativas e discursos no sentido de reproduzir ou de transformar imaginários sociais no que diz respeito às questões raciais.

Segundo Lee e Petersen (2015) não há uma rota definida para a aplicação do método da Análise do Discurso, sendo assim, é difícil definir esquemas e procedimentos que indiquem a “melhor” maneira de se proceder (LEE; PETERSEN, 2015). Já Rocha e Deusdará (2005) evidenciam que ao optar por um enfoque discursivo se está “ciente de que toda atividade de pesquisa é uma interferência do pesquisador em uma dada realidade”. (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005, p. 315)

Além da Análise de Discurso, há contribuição de outra abordagem metodológica nesta pesquisa. Me refiro à Etnografia, que, segundo Wacquant (2002) promove uma imersão de corpo e alma durante todo processo etnográfico. Logo, tal experiência viabilizou a múltipla e vasta coleta de materiais devido sua especificidade.

Para Geertz (1989) a análise etnográfica se dá de acordo com a percepção e interpretação das diversas situações e relações sociais presentes no campo. O mesmo autor, considera a Etnografia como uma descrição densa pelo fato da mesma apreender uma multiplicidade de questões, sendo assim, conceitua como uma construção de leitura de um “manuscrito estranho” e com incoerências.

Segundo Ribeiro (2017) certas identidades sociais têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas. Sendo assim, utilizo o Conhecimento Situado como método de abordagem científica para uma descolonização do conhecimento, neste trabalho.

A autora Haraway (1995) propõe “saberes localizados” para explicar como a visão que é particular e corporificada se dá como um conhecimento científico que apresenta lugar, perspectiva e olhar, possibilitando um entendimento transparente do conhecimento produzido. A ideia de um conhecimento situado não tem a ver com experiências ou posicionamentos apenas individuais, pelo contrário, visto que, segundo Lowy (2000) “percebemos facilmente que cada fato carrega as impressões da comunidade científica que o produziu”. Trata-se, portanto, de refletir sobre o papel social do/a pesquisador/a, debater seus posicionamentos individuais e utilizar os padrões de pesquisa científicos. Próxima a esta discussão, destaca-se, também, a Etnografia Feminista (GIL, 2014) utilizada como inspiração para o desenvolvimento deste estudo.

A pesquisa com Análise de Discurso e Etnografia, simultaneamente, possui caráter altamente reflexivo e com potencial para a explicação e compreensão dos discursos e das relações de poder. A técnica usada será a observação direta e os instrumentos serão: o guia de observação, uma câmera e o diário de campo.

2.2.1 GUIA DE OBSERVAÇÃO

Tabela 1 – Guia de Observação – C.S.R.

GUIA DE OBSERVAÇÃO	
PRIMEIRO DIA	Charqueada Santa Rita
ROTEIRO	<p>Geral:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Tema do Itinerário 2. Duração em média 3. Quantidade de pessoas no grupo 4. Percurso percorrido 5. Elementos/Monumentos/Arquitetura <p>Unidades de Registro:</p> <ol style="list-style-type: none"> 01. Escrava(o) 02. Escravizado 03. Resistência 04. Quilombo 05. Sofrimento 06. Violência 07. Raça 08. Etnia 09. Mulata 10. Ama 11. Senhor 12. Sinhá 13. Progresso 14. Riqueza 15. Encanto 16. Religião 17. Casa Grande 18. Senzala 19. Trabalho/exploração 20. Cultura/Patrimônio/Folclore <p>Específicos:</p> <p>Visita em Museu - Imagens, textos e objetos. Pousada - Experiência "colonial". Restaurante - Experiência gastronômica. Aspectos do Grupo - Reações e composição.</p>

Fonte: Elaboração própria (2019).

Tabela 2 – Guia de Observação: C.S.J.

SEGUNDO DIA	Charqueada São João
ROTEIRO	<p>Geral:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Tema do Itinerário 2. Duração em média 3. Quantidade de pessoas no grupo 4. Percurso percorrido 5. Elementos/Monumentos/Arquitetura <p>Unidades de Registro:</p> <ol style="list-style-type: none"> 01. Escrava(o) 02. Escravizado 03. Resistência 04. Quilombo 05. Sofrimento 06. Violência 07. Raça 08. Etnia 09. Mulata 10. Ama 11. Senhor 12. Sinhá 13. Progresso 14. Riqueza 15. Encanto 16. Religião 17. Casa Grande 18. Senzala 19. Trabalho/exploração 20. Cultura/Patrimônio/Folclore <p>Específicos:</p> <p>Visita Guiada + Passeio de Barco no Arroio Pelotas - Vídeos, falas, textos e objetos. Aspectos do Guia - Modo como transmite as informações. Aspectos do Grupo - Reações e composição.</p>

Fonte: Elaboração própria (2019).

2.3 A COLONIALIDADE NO PATRIMÔNIO CULTURAL: ANÁLISE DAS CHARQUEADAS

Esta seção corresponde aos dados adquiridos na pesquisa de campo sob a perspectiva da Análise de Discurso e da Etnografia. Este processo foi realizado nos dias dezoito, dezenove e vinte de julho de dois mil e dezenove. Os dois primeiros dias foram direcionados, cada um, para uma fazenda específica. O último era uma garantia de tempo caso houvesse necessidade de retornar para um dos locais. Para início deste capítulo enfatizo a contundente pontuação de Abdias Nascimento (2016):

Não posso e não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria experiência e situação no grupo ético-cultural a que pertenço, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define.

2.3.1 Charqueada Santa Rita: Relatos Etnográficos

De acordo com o roteiro estabelecido, o primeiro espaço observado foi a Charqueada Santa Rita (C.S.R.), segue abaixo os aspectos gerais destacados:

Tema do Itinerário: Passeio na Grande Fazenda.

Duração em média: 24 horas.

Quantidade de pessoas no grupo: cerca de doze pessoas.

Percurso percorrido: exploração livre.

Elementos, monumentos e arquitetura: descritos ao longo da análise.

O local onde está situada a Rota das Charqueadas não fica tão distante do centro histórico da cidade de Pelotas. Pelo caminho, além das placas avisando que o destino está próximo, outro aspecto relevante digno de observação foi a pobreza culminante que assola as proximidades do local, e o perfil dos moradores, que era, em sua maioria, composto por pessoas negras. Segue abaixo anotações referentes à esta primeira impressão:

Quando cheguei na Charqueada S.R. (que inclusive, é a primeira fazenda pelo caminho), deparei-me com um portão enorme e antigo, estava fechado. No entanto, conseguia ver a bela paisagem arborizada em volta e ouvir o canto dos pássaros, calma total. O 'clima' de miséria que pairava com certeza havia acabado, de fora já dava para perceber que dentro era pura ostentação. O portão se abre. Espanto: um portão tão velho, como pode ser automático? - questiona o motorista do aplicativo. Entramos na fazenda, tanto o motorista quanto eu, encantados. O lugar além de lindo é imenso! O motorista (um senhor que aparentava ter uns 60 anos de idade) também estava indo pela primeira vez ali, e me contou que já havia ido em outra charqueada,

mais distante, para levar passageiros para uma festa chique, porém, como era noite ele não sabia contar muitos detalhes do lugar. (Diário de Campo, 2019)

Diversas informações pelo trajeto, enfim chego à recepção da pousada. A atendente de maneira muito simpática explica sobre o funcionamento da charqueada que conta com um restaurante e um museu e bicicletas que são fornecidas para os hóspedes transitarem pelo lugar. Em conversa, pergunto se existe algum guia que conduzisse o passeio e a mesma responde que poderia fazê-lo, mas que, na verdade, a pessoa que “gostava” de fazer isso estaria no dia seguinte pela manhã, e que geralmente, os hóspedes exploram o lugar livremente. Logo, percebi que aquele espaço não fornecia visitação monitorada, o que “naquele momento me causou frustração, mas mal sabia o quanto isto seria melhor para a pesquisa” (Diário de Campo, 2019)

Imagem 01: Chegada na C.S.R.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

Comecei a observação etnográfica sem condutor. Optei pela análise da arquitetura e demais elementos materiais que compõem o espaço, visto que era o aspecto que mais se destacava. A construção histórica é repleta de acervos ditos coloniais e a decoração expressa

rusticidade. Neste trajeto de caminhada pela fazenda, até então, avistei três pessoas, um casal (homem e mulher, adultos que aparentam ter mais de 40 anos de idade, brancos), estavam entrando em uma “casinha” que estava meio escondida pelas sombras das árvores, contudo, não parecia ser uma suíte, pois o aspecto do ambiente estava desleixado. Adiante, vi um trabalhador (homem, adulto, aparenta ter uns 30 anos de idade, negro), ele estava cortando a grama.

Imagem 02: Entrada no Museu.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

a) Museu do Charque

Circulando pelo espaço, em direção ao Museu do Charque, conforme instruções da recepcionista, descubro que ele se localizava na “casinha” mencionada anteriormente. Ela estava aberta e não havia ninguém, também não havia luz, o lugar estava empoeirado e não era organizado. O espaço apresenta diversos banners pendurados na parede com textos e imagens, algumas maquetes e poucos objetos. Liguei a lanterna do celular e comecei a fotografar. O foco central da exposição era o Ciclo do Charque e a história da Charqueada, bem como, o processo

de formação da cidade. A Escravidão, assim como, os objetos de tortura e a explicação do serviço realizado foram mencionados de forma sintetizada em alguns dos banners.

O ponto alto da visitação foi descobrir a origem do nome da cidade, que por si só, carrega uma conotação extremamente racista. A expressão “pelota” vem do espanhol e significa “bola”. No contexto das charqueadas, servia como embarcação feita com couro animal e era utilizada para o transporte de pessoas e mercadorias através de travessias conduzidas a nado. Abaixo representação contida no museu:

Imagem 03: Pelota.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

Imagem 04: Artista francês em visita ao sul do Brasil ilustra a travessia.



Fonte: Internet (DEBRET, 1826).

Não há um posicionamento crítico quanto esta representação e seu significado. Pelo contrário, a instituição apresenta seu discurso de forma a designar ao Ciclo do Charque o fator primordial de desenvolvimento, referindo-se a sociedade pelotense da época como ápice de nível cultural e de civilização, alegando que isto, só ocorre devido o refinamento europeu que se deu através das fortunas produzidas na indústria do charque.

Em determinado momento, a exposição salienta que tais aspectos sociais relacionados ao aprimoramento das “maneiras e do espírito” das pessoas que ali viviam raramente seria superado em qualquer outro canto do Brasil Imperial.

Percebo em campo, elementos da discussão teórica sobre poder, memória e patrimônio cultural. Neste debate, os museus também têm um papel central, conforme destacam os autores a seguir.

Neste sentido, pode-se dizer que o museu é um espaço político de disputas de representação, começando pelas representações atribuídas aos objetos pelos próprios técnicos desses espaços culturais, pelos participantes ou não das comunidades onde se encontram inseridos, pelos patrocinadores das exposições e ainda pelos demais públicos que visitam essas instituições. Assim, os museus tanto podem atuar hierarquizando culturas e identidades, quanto contribuindo para colocar em circulação representações alternativas sobre diferentes grupos sociais, étnico-raciais e culturais, sobre suas memórias, histórias e culturas (ZUBARAN; MACHADO, 2013, p. 1).

Em um dos banners há uma citação mencionando que na região das Charqueadas havia, pelo menos, doze Quilombos, e que logo, o “protesto escravo era muito mais intenso do que se imagina”. Há também a seção dos relatos de viajantes que em geral descreviam o lugar como um ambiente macabro, fétido e desagradável. Ou seja, ainda que em menor destaque, há alguma narrativa e menções de resistência negra, embora não pareça ser este seu real propósito.

Os viajantes em suas observações se mostravam surpresos com a organização da Charqueada como um todo. No entanto, o texto se volta para a inquietação causada pelos diversos cadáveres de animais espalhados e quantidade exacerbada de urubus e de cães em volta do sangue escorrido do abate.

Os textos também reforçam a naturalização da violência e perpetuam uma ideia de submissão e passividade. Segue abaixo texto contido no pôster exposto no museu:

Saint Hilaré, naturalista francês, refez seu pensamento quando foi hóspede numa charqueada. Antes disso, afirmava que no Sul, os negros eram tratados com bondade e que os brancos com eles se familiarizavam, mais que em outros pontos do país. Referia-se aos escravos das estâncias, que eram em pequeno número; nas charqueadas a coisa mudava de figura, porque sendo os negros em grande número e cheios de vícios, trazidos da Capital, torna-se necessário trata-los com mais energia. Aceitava, que mesmo os mais humanos, os charqueadores só falavam aos seus cativos com

exagerada severidade, no que eram imitados por suas mulheres. Os escravos pareciam tremer diante de seus donos. (Painel Expositivo. Museu do Charque, 2019)

Neste mesmo pôster é descrito o cronograma de trabalho dos escravizados. Nos dias de inverno “quando o pasto estava ralo e o gado magro” não havia matança de animais. Logo, o uso de argila era atribuído para a preparação de tijolos e telhas. O inverno é mensurado no contato com o barro úmido que era extraído, moldado e queimado. Os verões mensurados no intenso contato com o sol, o sal e o sangue na produção do charque. Ambos cenários fomentados pela intensa violência da escravidão, contudo, isto não é abarcado pelo texto.

Imagem 05: “Casa Grande” local que se encontram as suítes da pousada.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

b) Pousada – “Experiência Colonial”

Em caminhada sigo em direção aos fundos da fazenda, onde está localizado o Arroio Pelotas. Durante o trajeto avisto famílias explorando o ambiente. O público visivelmente composto por idosos e crianças, brancos e de classe média alta. Lamentavelmente, não houve

aproximação com os demais visitantes neste referido momento. Segue relato contido no Diário de Campo (2019):

Até o momento, não avistei mulheres jovens, sou a única presente. Talvez isso explique os olhares curiosos que percebo e a sensação de não pertencimento. Contudo, tenho ciência que minhas características: mulher, negra e periférica, são elementos centrais deste não reconhecimento.

Abaixo imagens durante este percurso:

Imagem 06: Paisagem da Fazenda.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

Paira no ar um clima de tranquilidade, e próximo ao Arroio Pelotas, com auxílio da força do vento, é possível ouvir o barulho da água. Não espanta o fato de o público visitante ficar deslumbrado com o lugar, que apesar de encantador devido as belas paisagens, está repleto de memórias de dor, sofrimento e cativo. No entanto, a pousada fornece uma experiência cômoda e agradável, tal qual era o modo de vida dos senhores charqueadores e suas famílias.

Logo, não é possível perceber a promoção de uma reflexão crítica sobre as práticas exercidas neste mesmo cenário no passado.

Imagem 07: Arroio Pelotas.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

Imagem 08: Portão.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

Depois de um dia inteiro de exploração do lugar e de observação de seus espaços, senti a necessidade de recolhimento. Volto-me para o quarto da pousada para descanso, contudo, a folha de cardápio, que estava posta em cima de uma mesa, também foi um importante elemento de análise naquele exato momento.

A folha trazia um convite para uma “experiência gastronômica do tempo das Charqueadas” ofertada pelo restaurante da pousada, a qual se referia à comida africana como algo simples e à comida “do homem europeu” como algo sofisticado e com alto teor de requinte. Mais uma vez, de forma escancarada, o discurso se apresenta de forma a estabelecer uma hierarquização de caráter racial.

Pela manhã do dia seguinte está sendo servido o café da manhã para o público visitante. O Restaurante é um espaço aconchegante, com louças impecáveis, que remetiam ao período do Império e das charqueadas, e variedades de alimentos.

Imagem 09: Mesa do café da manhã.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

Neste momento, há uma certa integração entre os hóspedes devido o modo como o local é configurado. Alguns diálogos essenciais para a análise acontecem. Abaixo segue anotação extensa do diário de campo:

O clima estava agradável, os hóspedes se cumprimentavam e apresentavam-se. Pessoas vindas de lugares distantes e com diferentes motivos para estarem ali. Todas elas eram brancas e estavam acompanhadas. Durante conversa, um casal manifestou o sentimento de falta de uma abordagem contundente quanto à história da escravidão e dos negros, já que se tratava de um lugar histórico, mencionaram que isto era algo que eles esperavam encontrar de forma mais evidente. Foi então que, o assunto se estendeu e várias contribuições surgiram, inclusive, a próxima Charqueada que eu iria, foi mencionada pelo fato de ainda ter uma senzala. Durante os vários comentários, típicos do senso comum devido a banalidade e romantização do período, algo inusitado acontece. Eu estava contribuindo de forma tímida para a conversa (não me posicionei criticamente em nenhum momento, pois, não era esse o papel que eu estava proposta a desempenhar), naquele momento eu estava apenas vivenciando a experiência de turista e observando as reações do grupo. Contudo, quando respondo, para o mesmo casal que instigou o debate, a seguinte frase: “é estranho pensar como os resquícios da escravidão ainda existem e estão aí, né? Não apenas os sociais, mas os de saúde também! Várias doenças que assolam a população negra hoje, são por conta do período escravocrata.” Quando escuto uma voz, em um tom bem alterado, que me questiona: “mas de onde tu tiraste isso?”. Eu tento ignorar e seguir o assunto com o casal que parecia tão interessado em discutir relações raciais, mas o homem continua: “agora preciso saber, de onde essa informação? Não tem fundamento lógico nenhum”. Isso falado de forma muito ríspida e com muita autoridade. Logo, respondo: “bom, obviamente, não tenho nenhuma revista científica de saúde aqui comigo, mas o senhor quando tiver acesso à internet pode procurar por artigos acadêmicos que abordem o tema. A questão da pressão alta, por exemplo!”. Eu já havia terminado de comer, então me levanto em direção a porta, ainda consigo escutar o referido sujeito resmungar algo do tipo “depois de todo esse tempo? Não tem como. Que bobagem!”. O senhor pertencente ao casal que propôs a discussão, rebate o homem em minha

defesa, alegando que todos ali já tinham suas profissões e/ou estavam aposentados, e que a jovem (vulgo, eu) era a única que ainda estava na posição de estudante, que deviam me escutar. A senhora, sai do local junto a mim e comenta: “Credo! Ainda bem que já tínhamos tomado o café. Que grosseiro, né?”, durante o diálogo estabelecido fico sabendo que o marido e ela são umbandistas – o que explica muita coisa!

Diante do relatado acima, percebe-se que há uma demanda, que parte da curiosidade do público por saber a outra versão da história. Nem todos presentes estavam alienados, sem saber ou sem se importar com os demais aspectos pertencentes ao lugar. Havia o questionamento sobre a totalidade dos fatos e a falta de outras narrativas.

Há também de se evidenciar como os mecanismos do racismo e do machismo agem, simultaneamente, do ponto de vista de uma análise interseccional, já que, a rispidez da maneira como fui abordada por um determinado sujeito no ambiente, revela sobre este tratamento desigual e as várias violências às quais as mulheres negras são alvo. O indivíduo, visivelmente, estava incomodado com o rumo do debate, contudo, a manifestação deste desprezo e grosseria se deu apenas quando fiz um comentário.

Segundo Spivak (2010) a situação de marginalidade de um sujeito subalterno é mais dificilmente imposta ao gênero feminino, visto que a “mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir”.

2.3.2 Charqueada São João: Relatos Etnográficos

Segundo dia de pesquisa de campo, encaminho-me para a segunda fazenda analisada. A Charqueada São João (C.S.J) está localizada bem próxima da charqueada anterior, a margem direita do Arroio Pelotas. Segue abaixo os aspectos gerais destacados:

Tema do Itinerário: Passeio na Charqueada.

Duração em média: 04 horas.

Quantidade de pessoas no grupo: cerca de seis pessoas.

Percurso percorrido: visita guiada no casarão principal, pátio e jardins.

Elementos, monumentos e arquitetura: descritos ao longo da análise

Quando cheguei à Charqueada S.J., fui recebida por uma senhora que trabalha no local, a mesma informa que o Passeio de Barco no Arroio Pelotas não seria possível, pois, o mesmo estava em reforma. Então, comprei o ingresso que dá direito apenas a visita monitorada. O grupo pequeno, composto por cinco pessoas, foi direcionado para uma sala para assistirmos ao vídeo de apresentação do referido passeio. A senhora faz uma pequena explanação sobre a sala que estávamos e explica alguns dos

itens presentes no espaço. Ela permite que eu grave esta fala inicial e o vídeo inteiro. Após isso, ela se despede, e o guia, um jovem estudante de turismo, chega ao local para iniciarmos o trajeto que seria direcionado por ele. Há de se considerar que, mais uma vez durante o desenvolvimento desta pesquisa, sou a única pessoa negra presente. (Diário de Campo, 2019)

Imagem 10: Placas indicativas.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

O vídeo apresentado inicialmente tem cerca de quinze minutos de duração e conta com uma narração explicativa do cento e cinquenta anos do Ciclo do Charque, discorre sobre a história das Charqueadas Pelotenses, sobre a arquitetura e as famílias que ali viveram, traz imagens e entrevistas. Dois momentos se destacaram durante a sessão, descrevo abaixo o áudio enunciado pelo narrador referindo-se as relações escravistas (Charqueada São João, 2019):

Esses outros artefatos usados para castigo evidenciam a forma desumana como eram tratados os escravos. Os grilhões eram presos nos pulsos dos escravos, enquanto essa bola de 10 kg era colocada no tornozelo dos mais rebeldes. Este cadeado os trancava na senzala, alojamento onde dormiam no chão duro e com apenas uma janela gradeada. Próximo a senzala acontecia o tronco de açoite, instrumento de tortura, onde escravo era amarrado à frente de todos a título de exemplo, ali recebia chicotadas quando desrespeitava alguma ordem de seu senhor. Também para servir de exemplo, os escravos que tentavam fugir quando recapturados eram marcados no rosto com ferro quente com a letra F de fujão.

Enquanto o narrador proferia as palavras acima, o pequeno grupo não esboçava interesse, estavam dispersos mexendo em celulares ou olhando para outros cantos da sala. A trilha sonora ao fundo, bem como, a entonação da voz do narrador, eram melancólicos.

Durante o vídeo também é explicada a forma como se dava a realização do serviço. Na fala transcrita acima, é possível observar uma abordagem posicionada quanto aos métodos violentos adotados, no entanto, ao decorrer da apresentação percebi uma naturalização da condição de cativo sempre que mencionado a palavra “escravo”, representando-o sempre como um sujeito passivo, sem identidade e vontade própria.

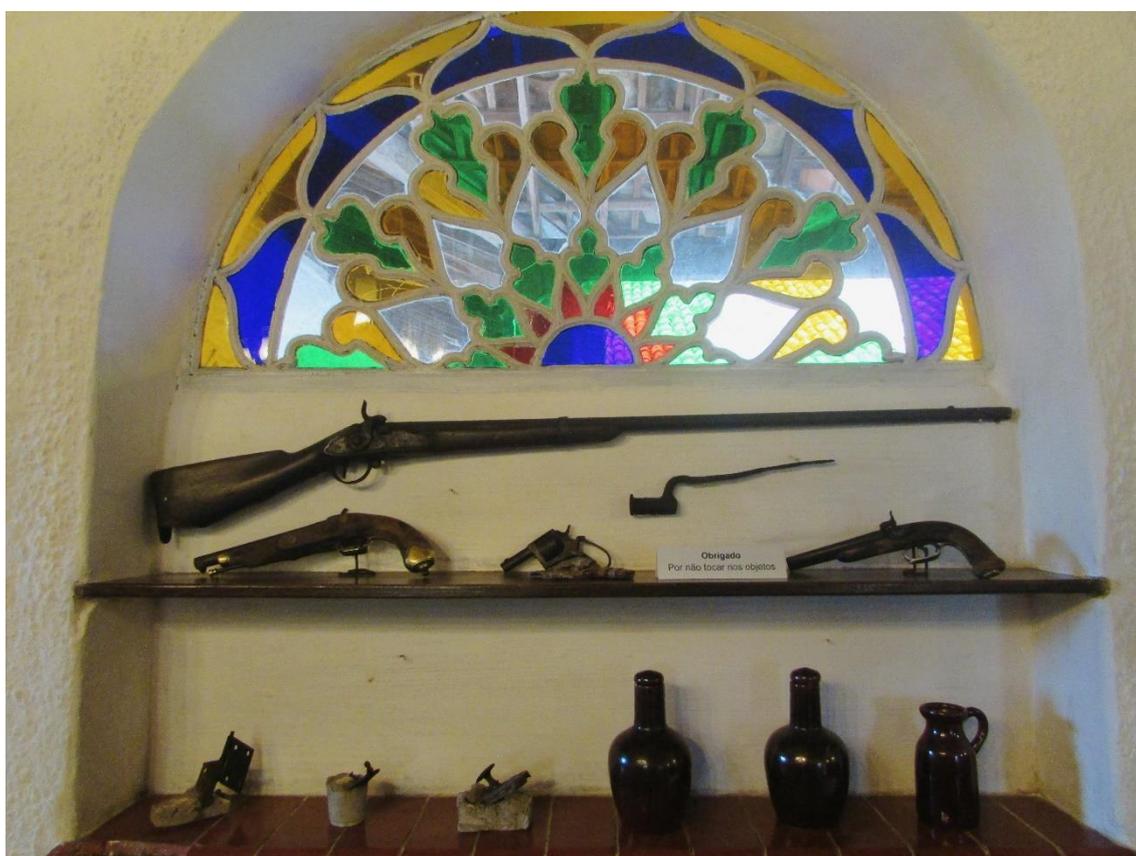
Até que, eis o segundo momento de destaque da sessão: um dos entrevistados, um intelectual negro pelotense, aborda a temática da população negra escravizada a partir da ótica da resistência. Apesar do trabalho árduo e do sofrimento, o entrevistado pontua que havia momentos de resistência resgatados pela cultura: “embaixo de uma figueira, em frente da senzala, muito tambor e muita dança”. Em forma de festejo se dava o culto da religiosidade, escondido, para que os charqueadores não percebessem o que estava acontecendo. Ele também argumenta sobre uma nova formação de cultura, uma cultura afro-brasileira, o que dialoga com o que o Antropólogo Kabengele Munanga fala, sobre como que de uma ponta a outra do Brasil a população negra utilizou o corpo como instrumento de resistência sociocultural e como agente emancipador da escravidão, seja pelo canto, pela dança, pela capoeira, quilombos e por outras expressões.

Segundo o entrevistado, são várias as vias escolhidas para o combate e para a reconstrução da identidade, aspectos relevantes que são inerentes à um legado para a comunidade pelotense, para o Rio Grande do Sul e para o Brasil. Não silenciar as tristes memórias da escravidão são alternativas de valorização da história e da cultura popular negra.

O entrevistado finaliza: “negros e negras contribuíram com toda essa riqueza pelotense que temos aí”, também alerta da importância de um reconhecimento territorial que jovens estudantes possam vir fazer no local.

O vídeo termina e o trajeto segue. Na mesma sala, é explicado sobre os objetos e esculturas presentes na mesma. Durante a explicação, o guia dá ênfase no fato desta sala principal ter sido cenário de uma importante filmagem da série literária “O Tempo e o Vento” (2013). Neste primeiro contato com a Charqueada, é possível perceber a importância que as várias produções midiáticas, que tiveram este espaço como cenário, detêm. Há um quadro com várias imagens de artistas famosos e autógrafos. A seguir, imagens de alguns objetos contidos nesta sala.

Imagem 11: Armas e demais objetos datados do período do Ciclo do Charque.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

Imagem 12: Instrumentos usados por escravizados para matança de animais.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

Nesta sala há uma escultura que apresenta o semblante de uma mulher negra. A escultura foi produzida por uma integrante da família como forma de homenagem. A declaração desta história, é no sentido de que, ela não era uma escrava, visto que, nasceu depois da lei do Ventre Livre (Nº 2.040, 1871), mas como já morava na propriedade “decidiu permanecer”. Segundo explanação do guia, tornou-se uma grande companheira da família e ajudou a criar os filhos, que por ela, sentiam muito carinho. No entanto, esta homenagem encontra-se em uma mesa, onde há artefatos de tortura, usados como punição em escravizados, como apresento na imagem seguinte. Uma forma de homenagear que, ao mesmo tempo, reforça a ideia de submissão e violência, ao colocar a escultura ao lado de instrumentos de tortura.

A fala descrita, reforça a interpretação de que, mesmo após a Lei do Ventre Livre e de outras Leis, inclusive a Lei Áurea, vários caminhos adotados pelos senhores e suas famílias mantiveram a condição de exploração e submissão da população negra, pois a nova condição de liberto também era de desamparo e de outro tipo de cenário violento.

Imagem 13: Mesa com a escultura e demais objetos.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

Saindo desta sala principal há um corredor com um painel intitulado “O terror dos inimigos”. Neste, é falado sobre o papel fundamental dos Lanceiros Negros na Guerra dos Farrapos. Há inclusive uma fala de um importante nome para o tradicionalismo gaúcho elogiando-os. No quadro está escrito que, Giuseppe Garibaldi lutou junto com os Lanceiros Negros e que afirmou “As suas lanças que eram maiores do que de ordinário, os seus rostos pretos como azeviche (...) e sua perfeita disciplina tornara-os o terror dos inimigos” (2019). É mencionado que de acordo com os cálculos feitos pelo exército imperial, os negros compunham de um terço a metade do exército rebelde.

Em outro parágrafo, deste mesmo painel, há o subtítulo “A surpresa de Porongos” descrevendo o momento, quando os Lanceiros Negros foram traídos pela elite que assinou o acordo de Paz, como um dos acontecimentos mais “patéticos, mal conhecidos e indignos” do período. Questões importantes que são brevemente apresentadas pelo guia e que não despertam reações ao público.

Antes de entrar nos aposentos da família na Casa Grande há um pátio interno a céu aberto com chão de cimento. Aqui, há algumas peças que expressam a riqueza do período e os fortes valores cristãos. No entanto, o que mais chama atenção é a explicação dada ao telhado

da casa. É abordado que após o período do charque, escravizados eram mandados para trabalhar na construção de tijolos e telhas nas chamadas olarias. É dito que não havia um padrão nas telhas produzidas, apresentando estruturas mais largas e outras mais estreitas devido o molde feito na parte superior das pernas dos escravos, aqui, é mencionado pelo guia o ditado popular “feito nas coxas” que tem por significado algo que é mal feito, sem capricho e que não é bom. Há de se destacar a fala do guia neste momento, a qual de forma irônica critica essa expressão popular de cunho racista: “a gente percebe como foi mal feito por elas estarem aí até hoje depois de todos esses anos”. (Diário de Campo, 2019)

Imagem 14: Telhas da casa.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

Depois da observação dos objetos expostos no local representado na imagem acima, o guia avisa que dentro da casa principal não é permitido fazer fotografias, e assim como em toda visitação, não é permitido tocar no acervo. O pequeno grupo, direcionado pelo guia, adentra o espaço.

O casarão é enorme e com diversos cômodos, todos muito bem equipados demonstrando o luxo eminente. A decoração, bem como todos os elementos que compõem o

cenário, chamam atenção do público visitante, que permanece atento diante das declarações do guia e observa com deslumbre os quadros e as louças.

Durante este trajeto pela casa, algo que chamou atenção foi o forte clamor religioso, em todo canto podia ser observado alguma menção cristã, seja pela cruz ou por imagens com representações divinas.

Outro fato importante, deu-se na explicação do guia referente a um armário em uma das salas, o qual era um esconderijo com saída para fora da casa. Aqui, o guia menciona como a família que residia no local, vivia sob o medo de revoltas, visto o grande número de pessoas escravizadas presentes ali. Estes aspectos suscitaram as seguintes indagações:

A tal fragilidade branca toma forma neste discurso. Enquanto o pavor de uma rebelião causava medo nos senhores charqueadores e em suas famílias, as referências católicas que aparecem incessantemente, parecem ser algo do tipo “talvez eu saiba que estou fazendo algo errado/estou pecando”. (Diário de Campo, 2019)

Imagem 15: Casa C.S.J.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

De acordo com Grada Kilomba (2010):

O medo branco de ouvir o que poderia ser revelado pelo sujeito Negro pode ser articulado com a noção de repressão de Sigmund Freud, uma vez que a “essência da repressão”, escreve ele: “encontra-se simplesmente em afastar algo e mantê-lo à distância do consciente”. (Freud 1923, p. 17). Este é aquele processo pelo qual as idéias desagradáveis – e verdades desagradáveis – tornam-se inconscientes, vão para fora da consciência devido à extrema ansiedade, culpa ou vergonha que causam. Contudo, enquanto enterradas no inconsciente como segredos, elas permanecem latentes e capazes de ser reveladas a qualquer momento. A máscara vedando a boca do sujeito Negro impede-o(a) de revelar as verdades das quais o mestre branco quer “se desviar”, “manter à distância” nas margens, invisíveis e “quietas”. Por assim dizer, este método protege o sujeito branco de reconhecer o conhecimento do ‘Outro’. Uma vez confrontado com verdades desconfortáveis desta história muito suja 7, o sujeito branco comumente argumenta: “não saber...”, “não entender ...”, “não se lembrar...”, “não acreditar...” ou “não estar convencido por...”

Finda o trajeto dentro da casa. Somos direcionados para o lado de fora, na parte da fazenda onde está localizada a senzala, a réplica do tronco e a figueira com mais de quinhentos anos.

Parece que o chão muda, a vista está acinzentada. O verde e as demais cores intensas do lugar, sumiram. A sensação que o lugar transmite é de “peso”, algo que sabia que não era meu, contudo, estava em mim. (Diário de Campo, 2019)

Neste momento o pequeno grupo se afasta explorando o amplo local. O guia faz algumas falas esparsas sobre as condições da senzala, a qual era configurada como “doméstica” e ali permaneciam apenas mulheres e crianças, é ressaltado que se houvesse pessoas mais velhas também ficavam nesta.

Imagem 16: Senzala.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

Bem próximo está o tronco de açoite. O grupo posicionado em volta, escuta a fala do guia que menciona a prática de tortura que era adotada como forma de punição e castigo. Há de se registrar um comportamento analisado neste momento, tendo em vista os comentários do público, que eram sucintos, por exemplo: “coisa triste” e “que horror”.

Embora as frases demonstrem um mínimo de comoção e sensibilidade, é diferente do posicionamento e dos comentários feitos em outros momentos da visita. Assim foi dentro da casa, o público fazia questões para o guia e demonstrava interesse em entender a cultura, o que produziu uma demanda de tempo bem maior naquele espaço. Por outro lado, no pátio, as falas do guia eram acompanhadas de frases curtas e longo silêncio. Ademais, mesmo provocando alguma reflexão e sensibilidade, o cenário da barbárie colonial não impediu que um casal tirasse fotos românticas no local.

Imagem 17: Tronco.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

Adiante, há um altar católico com caráter emblemático. Neste, escravizados eram obrigados a cultivar a religião cristã, mas o tempo revela sinais nítidos de resistência quando miniaturas de orixás são encontradas. O que denota as poucas transformações que aconteceram, já que, ainda hoje, pessoas são perseguidas e ameaçadas devido a lógica racista da intolerância religiosa, como pontua a intelectual brasileira Nilma Lino Gomes:

A maneira desconfiada, resistente e preconceituosa, por meio da qual tais religiões e seus adeptos são tratados, está ligada a raízes mais profundas e aos ranços deixados pelos processos de dominação que marcaram a empreitada colonial (GOMES, 2015 apud SANTOS, 2015, p.9).

Durante a explanação feita pelo guia no referido momento, percebo uma abordagem extremamente essencialista quando o mesmo se dirige a mim com a seguinte frase: “[...] como você deve saber...”, partindo do pressuposto que por ser uma pessoa negra (a única ali) eu teria entendimento do assunto e/ou que era praticante da religião.

No pátio também está a figueira com mais de quinhentos anos de idade, e há toda uma narrativa romântica sobre ela, alegando a realização de desejos e bênçãos. Esta árvore está localizada bem próxima ao tronco, isto faz com que vários casais e suas famílias posem para fotos, corroborando em imagens felizes e afetuosas que, na maioria das vezes, apresenta a réplica de um tronco de açoite ao fundo.

Imagem 18: Altar católico e Orixás.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019). Produção própria.

Por fim, a seção de Etnografia nas duas fazendas observadas apresentou a maneira como as mesmas são apresentadas ao público visitante, repleta de comentários e reflexões. A seguir, apresento quadros de análise que encaminham para o fechamento das discussões aqui levantadas.

2.3.4 Análise de Discurso

Os relatos etnográficos apresentados até aqui foram, também, permeados de análises de discurso, tendo em vista os procedimentos metodológicos adotados. No entanto, neste momento, apresento uma análise de discurso mais detalhada, com quadros que elucidam as narrativas das fazendas a partir das unidades de registro pré-definidas.

Quadro 01: Análise das Unidades de Registro C.S.R.

CONTEXTO ANALISADO - UNIDADES DE REGISTO	FREQUÊNCIA EM TEXTOS EXPOSITIVOS	FREQUÊNCIA DISCURSOS DOS INFORMANTES
Escrava(o)	7	0
Escravidão	0	0
Resistência	0	0
Quilombo	1	0
Sufrimento	0	0
Violência	0	0
Raça	0	0
Etnia	0	0
Mulata	0	0
Ama	0	0
Senhor	4	0
Sinhá	0	0
Progresso	3	0
Riqueza	2	0
Encanto	2	0
Religião	0	0
Casa Grande	4	0
Senzala	2	0
Trabalho/exploração	1	0
Cultura/Patrimônio/Folclore	7	0

Fonte: Produção Própria (2019)

Quadro 02: Análise das Unidades de Registro C.S.J.

CONTEXTO ANALISADO - UNIDADES DE REGISTO	FREQUÊNCIA EM TEXTOS EXPOSITIVOS	FREQUÊNCIA DISCURSOS DOS INFORMANTES
Escrava(o)	3	17
Escravidão	0	0
Resistência	0	0
Quilombo	0	0
Sufrimento	0	1
Violência	0	0

Raça	0	0
Etnia	0	0
Mulata	0	0
Ama	0	0
Senhor	5	4
Sinhá	0	2
Progresso	1	2
Riqueza	1	5
Encanto	0	3
Religião	1	2
Casa Grande	2	3
Senzala	0	6
Trabalho/exploração	1	4
Cultura/Patrimônio/Folclore	2	3

Fonte: Produção Própria (2019)

A partir das unidades de registro contabilizadas, o quadro evidencia que a questão racial, notoriamente, não é desenvolvida na primeira charqueada. A mesma não conta com informantes, logo, a análise deu-se apenas com a conferência dos textos expositivos do local.

Sendo assim, foi confirmada a tese levantada pelos relatos etnográficos de que a instituição está amparada em um discurso mais tradicional e hegemônico, havendo uma omissão das memórias de escravidão.

Já a segunda charqueada analisada apresenta a discussão racial, evidenciada no texto expositivo tal como nos discursos dos informantes. Contudo, isto não é suficiente para que a abordagem seja considerada antirracista, visto que, ao longo dos relatos etnográficos vários equívocos foram identificados, bem como, as unidades de registro Resistência e Quilombo estão praticamente ausentes das narrativas.

No entanto há de se enaltecer, o fato de que, pelos menos, uma das charqueadas apresenta a tentativa de conciliar outras versões de narrativas, que não seja a da “história oficial” advinda do ponto de vista do homem branco, já que a instituição C.S.J. conta com a contribuição de um intelectual negro que difere das outras narrativas.

Dito isto, ressalto as diferenças que há entre uma fazenda e outra a partir da contabilização das unidades de registros. Porém, é evidente o número de vezes que a palavra escravo aparece nas duas instituições. Haja vista que, o termo escravizado foi escolhido, exatamente, para pensar uma desnaturalização desta condição, e não uma característica substancial – compreendendo que as pessoas não nasceram escravas, mas sim, foram escravizadas – como defendem os movimentos negros brasileiros, todavia, não foi mencionado em momento algum durante os itinerários feitos.

A palavra “escrava” foi mencionada nos discursos em ambas instituições pouquíssimas vezes, por isso, optou-se por contabilizar “escrav”. Do mesmo modo que “religião”, é encarada no quadro do ponto de vista do catolicismo, já que a palavra, precisamente, só foi utilizada para este caso.

Cultura/Patrimônio/Folclore foram colocados juntos devido a discussão que suscitou, uma vez que, os bens pertencentes a casa grande e seu entorno eram descritos de uma forma (Cultura e Patrimônio) e os de origem africana de outra (no entanto, não houve contabilização da palavra folclore), mais uma vez, estabelecendo uma hierarquização de valores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

SE O PRESENTE PARECE O PASSADO, COMO SERÁ O FUTURO?

A presente monografia teve como objetivo geral analisar as práticas discursivas presentes em duas fazendas históricas localizadas na Rota das Charqueadas, atentando para as relações raciais que incidem neste importante cenário histórico. Através da observação das narrativas e da composição social do público buscou agregar contribuições referente ao processo de descolonização do conhecimento, bem como, através de críticas construtivas, promover a visibilidade e aprimoramento das instituições.

É importante manifestar, que para o desenvolvimento desta pesquisa, foi necessário compreender o diálogo existente entre patrimônio cultural, memórias e representações sociais, para assim compreender o funcionamento destes em meio as relações de poder da sociedade contemporânea.

Diante do exposto na presente monografia, foi constatado que as práticas discursivas encontradas nos patrimônios culturais analisados estão carregadas de um forte teor eurocêntrico, sendo marcadas pela colonialidade e pelo memoricídio. Sendo assim, são espaços de memórias e representações abrigados em silêncios e recortes que apresentam apenas partes de um todo.

Segundo Fanon (1969) o objeto do racismo não é alguém em particular, mas sim, uma certa forma de existir. A expressão *damnation memoriae*, do latim, significa condenação da memória, tendo por consequência, o apagamento da história de alguém propositalmente. O esforço colonial, para ignorar a existência e feitos da população negra, é um dos pilares de sustentação do imaginário racista, logo, é observável o êxito destes mecanismos

Os aspectos que foram discutidos ao longo deste trabalho, apresentaram a Violência Simbólica (Bourdieu, 2004) e o poder dissolvido na totalidade dos Discursos (Foucault, 1997) diante do que foi representado e a maneira como foi construído.

O passado escravocrata é revigorado já que os mecanismos do racismo são tecnologias, ou seja, estão sempre em atualização. Logicamente, diferem dos tempos de Brasil Colônia, mas ainda assim, reproduzem imaginários da época. O fato de não haver pessoas negras ocupando esse espaço (que não sejam trabalhadores) é um demarcador desta questão. A naturalização de todo um processo escravista, que deveria ser encarado como um dos maiores crimes contra a humanidade – assim como o holocausto, por exemplo – também é outro demarcador.

Do ângulo de um racismo institucional, é evidente a forma como as instituições estão organizadas, de modo a estruturar sistemas sociais de acordo com interesses. No entanto, o

espaço aqui analisado, detêm potencial enorme para as reconstruções narrativas, possibilitando mudanças consideráveis. Assim como, já o faz (mesmo que minimamente) em alguns aspectos destacados ao longo desta monografia.

Se o presente parece o passado cabe a nós questioná-lo e propor alternativas. Há de se considerar, portanto, a luta do movimento negro como agente de transformação desta realidade via táticas de subjetivação que a comunidade negra adota para ressignificação, valorização da cultura afro-brasileira e reconhecimento de território.

O trabalho aqui finalizado evidencia a lógica racista como fator primordial de relações de poder como estrutura legitimada em uma perspectiva eurocêntrica, por outro lado, em pesquisas futuras, poderei me debruçar sob as formas de resistência dos sujeitos frente essa ordem discursiva, ouvindo protagonistas negros(as) pelotenses que atuam como agentes propulsores desta mudança necessária. Devido ao engajamento da população negra da cidade via movimentos sociais e instituições universitárias, sei de uma grande movimentação entorno das questões raciais, o que significa que o campo não termina aqui e que, na verdade, nunca se esgota.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A; JODELET, D. (Orgs.). Representações sociais: interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas. Brasília: Thesaurus, 2009.
- ASSUMPCÃO, J. Pelotas: Escravidão e Charqueadas 1780 – 1888. Porto Alegre: FCM, 2013.
- BAEZ, F. A história da destruição cultural da América Latina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BORDIEU, P. O poder simbólico. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BORDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.
- BRASIL. Lei 10.639 de 03 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências. 2003.
- BRASIL. Lei 12.288 de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. 2010.
- CARDOSO, F. H. Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. São Paulo: Difusão, 1977.
- CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Org.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.
- CARNEIRO, S. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CASADEI, E. Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. In: Revista Espaço Acadêmico. Maringá, v. 9, n. 108, p. 153 a 161, 2010.
- COLLINS, P.H; BILGE, S. Intersectionality. Cambridge; Malden: Polity Press, 2016.
- COSTA, E.; GOMES, M. Diferentes Abordagens sobre o Genocídio Africano: Uma Análise Comparativa de Espaços de Memória em Laranjeiras/Se E Salvador/Ba. I Seminário Nacional de Sociologia da UFS, 1., 2016.
- CREENSHAW, K. Documento para o Encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 171-187, 2002.
- DAVIS, A. Mulheres, Raça e Classe. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, G. Foucault. Lisboa: Veja, 1998.
- DENCKER, A. Valor patrimonial: memória social e poder In: COSTA; E; BRUSADIN, L; PIRES, M. (Orgs.). Valor patrimonial e turismo: limiar entre a história, território e poder. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

- DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. Os pensadores. São Paulo: Abril, 1978.
- ESCOBAR, G. Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. 2010. Dissertação (mestrado em Patrimônio Cultural) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2010.
- FANON, F. Los Condenados de la Tierra. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- FANON, F. Racismo e cultura. In: SANCHES, M. R. (Org.). Malhas que os Impérios tecem. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Portugal: Lugar da história. 2011.
- FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- _____, M. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 2008
- _____, M. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FRANCO, M. Museus: agentes de inovação e transformação. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, v. 57, n. 13, 2019.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GEERTZ, C. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GILLY, M. As representações Sociais no campo da educação. In: JODELET, D. (Org.) As Representações Sociais. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001
- GOMES, M. Narrativas Patrimoniais e Turísticas em Cidades Históricas: (des)(re)construções do luso-tropicalismo no Brasil e em Portugal. 18º Congresso Brasileiro de Sociologia. Brasília, 2017.
- GOMES, N. L. Prefácio. In: SANTOS, E. P. Formação de professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyia, 2015.
- GONZALEZ, L. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. Brasília: ANPOCS, 1984.
- GUARESCHI, P. Psicologia Social Crítica. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). Psicologia Social: Textos em Representações Sociais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- HOOKS, B. Feminist theory: from margin to center. Boston: South End Press, 1984.
- IBRAM. Museu, memória e cultura afro-brasileira. / pesquisa e elaboração do texto Maristela dos Santos Simão – Brasília, DF: IBRAM, 2018. 88p. : il. ; 20,5 cm. – (Caminhos da Memória)

- IBRAM. Política Nacional de Museus: Relatório de Gestão do Exercício de 2003/2010. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus — Ibram/MinC, 2010.
- JEDLOWSKI, P. Memory and sociology: Themes and issues. *Time & Society*, n. 10, p. 29-44, 2001.
- KILOMBA, G. A Máscara. *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n. 16, p. 171-180, 2010.
- LANDER, E. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. *Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005.
- LEE, A; PETERSEN, A. Análise do Discurso. In: SOMEKH, B.; LEWIN, C. (orgs). *Teoria e Método de Pesquisa Social*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LEI Nº 2.040, DE 28 DE SETEMBRO DE 1871
- LONER, B. A; GILL, L; SCHEER, M. Enfermidade e morte: os escravos na cidade de Pelotas, 1870-1880. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 19, p. 133-152, 2012.
- MAGALHÃES, M. Pelotas, toda a prosa. 1. ed. Pelotas: Armazém Literário, 2000.
- MOSCOVICI, S. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MUNANGA, K Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Anais do Seminário Nacional de Relações Raciais*. Rio de Janeiro, 2003.
- NASCIMENTO, A. O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado. 1ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- PERISSINOTTO, R. História, sociologia e análise do poder. *Revista História Unisinos*, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 3, p. 313-320, 2007.
- POLLAK, M. *Memória e Identidade Social*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RECHENA, A. Teoria das representações sociais: uma ferramenta para a análise de exposições museológicas. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n. 41, p. 211-244, 2011.
- RIBEIRO, D. O que é lugar de falar? São Paulo: Justificando, 2017.
- ROCHA, D; DEUSDARÁ, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *Alea*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 305-322, 2005.
- SANTOS, M. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003.
- SCOTT, J. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, 1986.
- SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- WACQUANT, L. *Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ZUBARAN, M. A.; MACHADO, L. M. R. Representações Racializadas de Negros nos Museus: o que se diz e o que se ensina. In: MATTOS, J. R. DE (Ed.). Museus e Africanidades. Porto Alegre: EDIJUC, 2013.